

**ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO:
JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX¹**

Filipe Diêgo Cintra Machado²
machadof8@gmail.com

Viviane Maria Cavalcanti de Castro³
vivianemcc@gmail.com

RESUMO

Este artigo foi extraído da dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em arqueologia da UFPE no ano de 2017 e apresentou um estudo a respeito dos jazigos localizados no cemitério de Santo Amaro, situado no Recife, Pernambuco. O objetivo foi no sentido de identificar e compreender os grupos socioeconômicos que se faziam representados naquele cemitério na segunda metade do século XIX. Para isso, foi trabalhado com dados materiais que demonstraram haver sim, certa distinção social no interior daquele cemitério. Perceptível através do tipo de jazigo, matéria-prima, dos signos utilizados para a decoração tumular e da própria localização do sepultamento no seu interior. A conclusão alcançada foi que o processo de mudança dos sepultamentos ocorridos no Recife oitocentista, das igrejas para o cemitério extramuros, perpetuou e ampliou as questões de caráter social, econômico, religioso e cultural.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica; Estudos Cemiteriais; Cemitério de Santo Amaro

ABSTRACT

This article was extracted from a master's thesis presented to the post-graduate program in archeology of UFPE in 2017 and presented a study on the deposits located in the Santo Amaro's cemetery, located in Recife, Pernambuco. The objective was to identify and understand the socioeconomic groups that were represented in that cemetery in the second half of the 19th century. For this, it was worked with material data that showed yes, a certain social distinction within that cemetery. Perceivable through the type of deposit, raw material, signs used for the decoration of the tomb and the location of the burial inside. The conclusion reached was that the process of changing the burials that took place in nineteenth-century Recife, from the churches to the cemetery outside the walls, perpetuated and expanded social, economic, religious and cultural issues.

Keywords: Historical Archeology; Cemiterial Studies; Cemetery of Santo Amaro

¹ Artigo extraído de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE em agosto de 2017.

² Discente, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE.

³ Graduado em História, UFPE e Pós-Graduado em Arqueologia, UFPE.

INTRODUÇÃO

Pretendeu-se com essa discussão, entender como os cemitérios enquanto espaços sociais podem ser estudados para a compreensão de uma representação do passado e compreensão para com o presente. E, enquanto sítio arqueológico trata-se de um lugar onde se estabelecem condições singulares para a realização dos estudos e questionamentos sociais, econômicos, religiosos e culturais dos mais diversos. Local onde o arqueólogo pode retirar o embasamento espacial no qual corrobora a distribuição e reflete a sociedade que o envolve (Castro, 2008). Mas não só o arqueólogo, como também o historiador, o antropólogo, etc., podem retirar suas impressões e reflexos da sociedade em seus variados aspectos.

Assim, tais questões são abordadas neste artigo, através dos aspectos representativos percebidos da análise dos objetos materiais que em nosso exemplo são as estruturas funerárias, os jazigos de Santo Amaro. Sendo compreendidos como uma representação deixada por aquela sociedade em determinado período temporal e que possibilita, agora, uma releitura de suas condições e um entendimento atualizado de como se comportava a sociedade.

A partir da inauguração do referido cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção – atualmente conhecido por Cemitério de Santo Amaro, e doravante assim mencionado neste artigo –, em 1851, uma gama considerável de circunstâncias alteraram a vida social daquele Recife Oitocentista. Principalmente no tocante ao fato de que, pela primeira vez, no Brasil, desde a chegada dos ideais cristãos, trazidos pelo colonizador português, se deixava o interior e o átrio das igrejas para iniciarem-se os sepultamentos em locais fora dos chamados “campos santos”, isto é: fora dos templos religiosos cristãos católicos.

Diante desse entendimento, há de se questionar o porquê de estudar tal sociedade, já que a mesma já foi bastante analisada ao longo dos estudos arqueológico, histórico, antropológico, etc. Todavia, a resposta veio através da observação que, agora, esta sociedade poderia ser discutida diante de uma nova perspectiva, a arqueologia, que em conjunto com a ação de historiador, buscou entendimentos que pudessem ser reelaborados diante de uma nova interpretação daquela sociedade por um ângulo que nunca havia sido realizado nesta cidade.

Portanto, esta pesquisa teve como objetivo principal, compreender que grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do cemitério de Santo Amaro na metade final do século XIX, já que “A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideológicas.” (Bellomo, 2008: 13).

O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO E A SOCIEDADE RECIFENSE NO SÉCULO XIX

De início, é importante estabelecer as bases do referido cemitério e sua localização no espaço geográfico onde se encontra. Pode-se dizer que a escolha da área não ocorreu meramente por aspecto social, mas também se levou em consideração o caráter político, religioso, cultural e econômico. É necessário entender que a sua localização decorre do fato de ter sido aquela, uma área pouco valorizada urbanisticamente, não atraindo empreendimentos voltados para a cidade. Porém, além disso, desde os primórdios da ocupação humana portuguesa, a região, outrora alagadiça, servia de passagem, apenas, para a ligação entre Olinda e o porto que se encontrava onde hoje é o Recife, além da importância de sua localização militar. Há de destacar, ainda, que outrora aquela região servia para extração de sal, por isso o nome de Santo Amaro das Salinas.

Na constituição histórica do bairro de mesmo nome, onde se localiza o cemitério, evidencia-se o fato de que desde a perda dos valores militares (estratégicos) do local que “... serviu de cenário para muitas batalhas entre pernambucanos e holandeses devido a sua posição privilegiada.” (Casé, 2005: 209), poucas e pobres parcelas da população lá se estabeleceram, naquele período. E, desta forma, o bairro de “Santo Amaro, localizado ao norte da cidade do Recife, entre o município de Olinda e o bairro da Boa Vista, assim, permaneceu durante muito tempo, como um pequeno e disperso aglomerado, situado em meio a extensos manguezais.” (Casé, 2005: 210). Há de se destacar, ainda, que mesmo após a inauguração do cemitério – 1851 – a área no entorno continuava pouco habitada pela população do Recife (Figura 1).

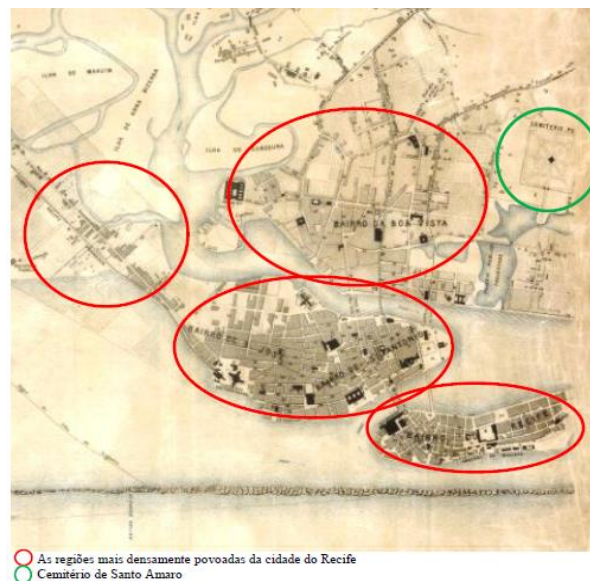


Figura 1. Áreas mais densamente povoadas do Recife e proximidade com o Cemitério de Santo Amaro em 1875. Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart529229/index.htm. Acesso Ago. 2017

Ademais, outro aspecto a se levar em consideração é o fato de que antes da sua criação, na região, já havia o Hospital de Lázaros, inaugurado no século anterior, e outro cemitério, o dos Ingleses, inaugurado em 1814. Mais tarde, em 1870, a área ganharia, ainda, o Asilo da Mendicidade (Figura 2). Portanto, aquele espaço da cidade era destinado aos negócios indesejáveis, já que eram necessários, mas não deveriam ficar à vista de todos os cidadãos.

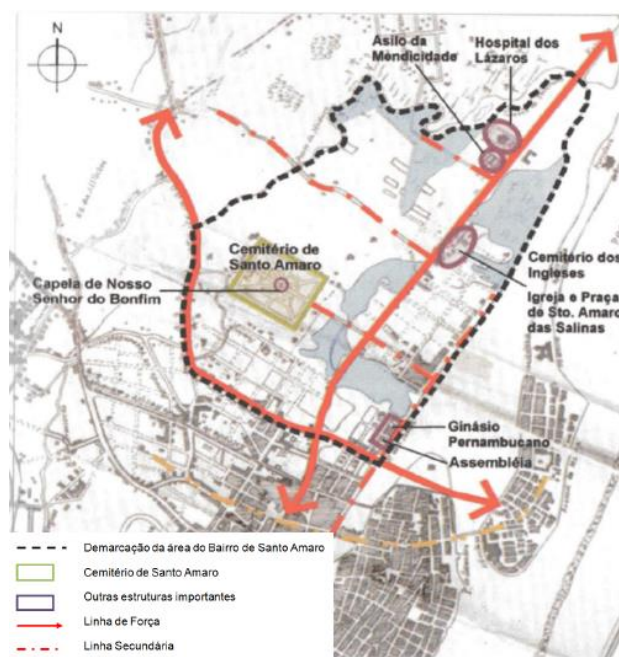


Figura 2: Localização do Cemitério de Santo Amaro em 1876
Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual de Pernambuco

Deve ficar claro que essa mudança não se dá de maneira isolada. Outras cidades brasileiras passavam pelo mesmo processo de reurbanização que, na maioria das vezes, buscavam inspirações na França para as suas modificações urbanísticas e culturais. Esse momento foi marcado pela valorização dos espaços públicos (Almeida, 2005), principalmente os espaços que margeavam os rios, com destaque para as localidades adjacentes ao rio Capibaribe, já que os demais rios da capital eram tratados como secundários. Ressalte-se, que isso tem um viés histórico e antropológico importante, já que famílias abastadas, que viviam nos três principais bairros recifenses, possuíam casas ou sítios de veraneio ao longo do Capibaribe, naquele período de século XIX.

O Recife buscava civilizar-se aos olhos de seus cidadãos – atendendo a elite principalmente –, e do mundo. Aspectos observados nas grandes cidades europeias, como a valorização urbana dos centros com a alteração de suas estruturas com a ampliação de ruas, praças, etc., além, da criação de inúmeros outros aparelhos urbanos (Almeida, 2005), dentre os quais, a implantação de um cemitério fora dos limites da cidade, medida iniciada no século XVIII na Europa e que só posteriormente, chegou ao Brasil (Motta, 2009). É inegável a presença de elementos franceses na trajetória da arquitetura recifense do século XIX, haja vista, o teatro de Santa Isabel⁴ e o Mercado de São José⁵. Além disso, os arquitetos de origem francesa se destacaram na sociedade cultural local influenciando em demasia seus aspectos socioculturais.

Aliado e em conjunto com essas transformações estavam as ideias dos miasmas trazidos pelos higienistas e que combatiam os temidos focos infectários. Para esses, os sepultamentos ocorridos no interior das igrejas era uma questão singular e que cercou as

⁴ Seu realizador foi o engenheiro francês Louis Léger Vauthier e este teatro representou a obra de maior vulto dentro do projeto de modernização idealizado por Rego Barros para Pernambuco. O Santa Isabel é considerado por muitos, como o mais belo edifício teatral do Império. Um dos poucos exemplares do genuíno neoclassicismo erguidos no Brasil na primeira metade do século XIX. Homenageando a Princesa Isabel, o teatro foi inaugurado em 18 de maio de 1850 com o drama “O Pajem D’Aljubarrota”, de Mendes Leal, escritor português dos mais encenados na primeira metade do século. (fonte <http://www.teatrosantaisabel.com.br>, acesso em maio de 2017).

⁵ Inaugurado em setembro de 1875, o Mercado de São José tem arquitetura em ferro típica do século XIX. A inspiração veio do mercado público de Grenelle, em Paris. O projeto, elaborado por encomenda da Câmara Municipal do Recife, provavelmente é de Victor Lenthier, engenheiro da casa, à época. O detalhamento ficou a cargo do engenheiro Louis Léger Vauthier, contratado também para acompanhar a execução das estruturas de metal na França. É um dos monumentos pernambucanos, reconhecido e tombado pelo Patrimônio Histórico. (fonte: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/mercado-de-sao-jose>, acesso em maio de 2017).

discussões no século anterior na Europa e que agora chegava ao Brasil e ao Recife, em particular. Neste sentido, das medidas higienistas, foi um conjunto de fatores que resultou na transferência final dos sepultamentos do interior das igrejas para os cemitérios extramuros (Rodrigues, 1997). A higienização da cidade, tanto com a re-arrumação da estrutura existente quanto pela criação de novos aparelhos que possibilitassem à população uma maior quantidade de áreas verde no interior da própria cidade (Almeida, 2005: 131).

Afinal, entre os séculos XVII e XVIII havia certo respeito à figura da morte, não o temor ou horror de sua chegada. Agora a morte passava a impor a sociedade, inclusive à sociedade médica e a própria igreja, certo medo. (Ariès, 2013). O “... bem morrer, em particular o sepultamento, tornou-se objeto de crítica dos adeptos de uma outra visão da morte, a visão médica, que rapidamente ganhava corpo no Brasil na década de 1830.” (Reis, 1991: 247). Neste sentido, “... o poder público e a classe médica, embasados por preceitos higienistas, pediram o fim da prática de enterramentos intra-muros. Os princípios higienistas determinavam que tal costume era prejudicial à saúde.” (Castro, 2013: 163).

Portanto, a escolha da região de Santo Amaro atendia a necessidade por que possuía uma área grande o suficiente e, o mais importante, uma região próxima a cidade onde não havia muitas construções além de fáceis ligações fluviais. Portanto, diante de uma população de aproximadamente 60 mil habitantes em 1840 (Castro, 2007). O Recife precisava de um aparelho cemiterial que pudesse comportar esse contingente, retirar do interior de suas ruas os sepultamentos nas igrejas e, também, atender ao seu crescimento urbanístico e populacional da cidade.

OS ESTUDOS CEMITERIAIS

Grande parte do discurso científico e acadêmico moderno seja histórico, arqueológico, geográfico ou antropológico, exige mudanças que se devem sentir na prática e no fazer da pesquisa. Assim sendo, a arqueologia, mas não somente ela, deve estar atualizada com as discussões teóricas e engajada na busca do objeto estudado através da melhor forma de inferência teórica e metodológica, nas explicações para um desenvolvimento argumentativo. (Fogelin, 2007).

Diante disso, a estrutura imaterial de um cemitério é bastante significativa, e os artefatos materiais, lá inseridos, são uma demonstração da presença das sociedades que o permeiam. Assim, o Cemitério de Santo Amaro, diante do conjunto que o configura, pode ser entendido como uma representação do arcabouço produzido pela sociedade recifense da segunda metade do século XIX.

Neste sentido, “... os historiadores tornaram-se cada vez mais consciente de que pessoas diferentes podem ver o “mesmo” evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas.” (Burke, 2005: 68), mais uma vez, é necessário, estender essa ideia para alcançar, também, aspectos antropológicos ou arqueológicos que podem ser percebidos através de fatores como a morte humana e suas representações. Ainda mais se entendermos o fato de que as próprias perspectivas se alteram ao longo do tempo.

Portanto, tanto o cemitério quanto os jazigos possuem permanências que resistem a esse tempo, sendo o cemitério cercado de características e particularidades que possibilitam um entendimento aprofundado de suas condições. Os “... túmulos são documentos sintomáticos da cultura visual da sociedade, pois oferece possibilidades ilimitadas de se entender a materialidade humana em tempos diferentes...” (Carvalho, 2012: 39).

Portanto, o estudo cimiteriais possibilita, além da interpretação do próprio cemitério, uma abordagem dos aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos que a ele se inserem (Rodrigues e Bravo, 2012). Ademais, a passagem total dos sepultamentos realizados nas igrejas para os realizados em cemitérios extramuros só foi totalmente alcançado em meados do século XIX.

METODOLOGIA

A coleta de dados seguiu o recorte temporal, além de um cronograma de ações onde o primeiro trabalho foi o bibliográfico; o segundo foi o iconográfico e o fotográfico realizados no cemitério, e por último, procedeu-se a análise dos aspectos materiais dos túmulos.

Quando se adentra a um cemitério cuja construção se deu no período Oitocentista, qualquer que seja ele, é nítida a percepção de que há a representação e a perspectiva da

sociedade que se faz presente. Assim, “... o cemitério passou a ter cada vez menos a aparência de um churchyard⁶ e cada vez mais a de um jardim.” (Ariès, 2013, p. 718), nos modelos criados na América do Norte do século XIX, em contrapartida ao modelo francês que se destacava pela arte de seus túmulos (Ariès, 2013, p. 719).

No caso do cemitério de Santo Amaro, diante da análise presencial e dos textos estudados, é possível afirmar que o modelo adotado é o modelo que segue as plantas arquitetônicas cemiteriais francesas. Assim, é correto afirmar quanto a estrutura arquitetônica do cemitério de Santo Amaro que ele apresenta uma forma retangular e encontra-se, internamente, dividido por quatro quadras, sendo essas subdivididas em quarteirões. Além disso, todo o complexo é entrecortado por quatro grandes alamedas e um conjunto de ruas e travessas que transpassam o cemitério de forma diagonal. Esse modelo que se apresentava tinha como influencia o “... padrão europeu em organização, regularidade, limpeza, tamanho e beleza...” (Duarte, 2005: 57).

A realização do trabalho de campo seguiu a numeração das quadras do cemitério (Figura 3). Iniciou-se pela quadra 1 e finalizou na quadra 4. Os quarteirões, também numerados de 1 a 44, foram analisados seguindo a própria ordem dentro das quadras. Para os jazigos também foram utilizados a própria numeração individual, dentro de cada um dos quarteirões, isoladamente, iniciando com F1. Em seguida, foi realizado o trabalho de identificar os túmulos e fotografá-los, de forma que fosse possível abarcar tanto o túmulo, em seu contexto no cemitério, como o máximo de detalhes possíveis em cada um dos jazigos.

⁶ Cemitério.

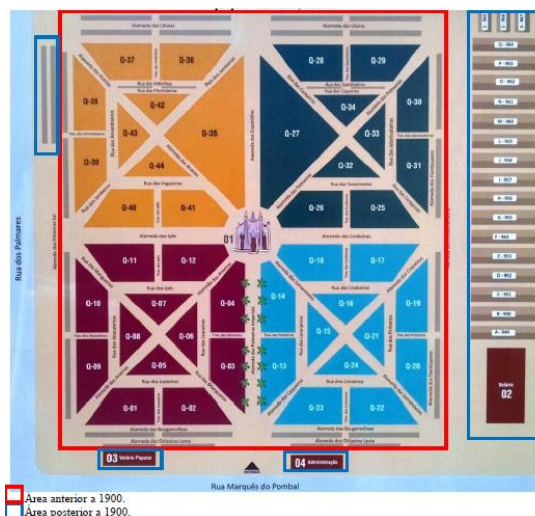


Figura 3: Planta do cemitério de Santo Amaro. Original exposto no próprio cemitério, Recife.
Fonte: EMLURB – Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (modificado).

Os jazigos foram analisados utilizando as seguintes categorias: identificação dos túmulos, tipos de sepultamentos, individualização do jazigo (identificação do sexo, quantidade de indivíduos sepultados por jazigo), tipo de jazigos, matéria prima, identificação da decoração tumular e os signos. Os jazigos foram classificados como contendo enterramentos primários, secundários e/ou primários e secundários. E, tomando por base Lima (1994), dividiram-se os jazigos em quatro categorias: túmulos, mausoléus, ossuários e túmulos e ossuários. Ressaltando, que a inclusão da ideia do elemento “túmulo e ossuário”, se fez com o objetivo de ampliar as possibilidades de análises, além de condicionar o trabalho as situações estabelecidas no cemitério.

A última fase foi feita analisada a identificação/decoração tumular existente, sendo destacado: a matéria prima – qual o material utilizado para a confecção dos jazigos. Quanto aos signos, se encontram divididos em diversas categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se adentra aos resultados, os jazigos da forma que nos apresentam divididos em túmulos, mausoléus, ossuários e túmulos e ossuários, possibilitam uma

interpretação bem mais ampliada dos processos social, econômico, político, cultural e religioso.

O primeiro aspecto verificado foi a identificação tumular, tratada de forma indissociável do próprio jazigo entendido enquanto elementos que o compõe. Neste sentido, analisou-se 177 jazigos. Seguindo, foi abordada a questão do sexo dos indivíduos sepultados, sendo, 60% deles são compostos por jazigos exclusivamente masculinos. Já os indivíduos do sexo feminino, perfazem um percentual de 26% e os jazigos que possuem sepultamentos de indivíduos do sexo masculino e feminino, chegou-se a um total de 14%.

O tipo de sepultamento foi abordado de maneira que se encontrou a divisão entre primário – a maioria dos sepultamentos encontrados no cemitério com 58% –, e os sepultamentos secundários com 35% do total. Neste aspecto dos secundários, deve-se esclarecer que foram indivíduos sepultados primeiramente em outros locais e posteriormente realocados para o Cemitério de Santo Amaro. Neste contexto se enquadra, inclusive, os restos mortais de indivíduos outrora sepultados em igrejas recifenses e que, após a inauguração do cemitério, foram realocados para lá. A terceira categoria de jazigos com sepultamentos em túmulos primários e como depositários secundários totalizou 7% do total.

Existem quatro tipos de jazigos: túmulos (56%) (Figura 4), ossuários (35%) (Figura 5), túmulo e ossuário (6%) (Figura 6), e mausoléus (3%) (Figura 7). Os jazigos individuais alcançam um total de 69% e os coletivos perfaz 30%. Em apenas um jazigo não foi possível a identificação.



Figura 4: Túmulo
Fonte: Filipe Machado 2017



Figura 5: Ossuário
Fonte: Filipe Machado 2017



Figura 6: Túmulo e ossuário
Fonte: Filipe Machado 2017



Figura 7: Mausoléu
Fonte: Filipe Machado 2017

No que diz respeito a matéria prima utilizada na construção e decoração dos jazigos foram identificados: alvenaria, mármore, granito, ferro, pedra – tipo folheta – e cerâmica. Houve predominância para a alvenaria e mármore (60%). Contudo, além dessa combinação, é possível ver outras, como: alvenaria, mármore e ferro (20%); alvenaria e granito (2%); alvenaria, mármore e granito (3%); alvenaria, mármore, granito e ferro (3%); alvenaria, mármore, ferro e cerâmica (menor que 1%); mármore e ferro (2%); mármore e granito (2%); mármore, granito, pedra e ferro (1%) e por último, alvenaria, mármore e pedra (1%).

Quanto a arte tumular se destaca a tipologia funerária cristã, alegórica e cívico-celebrativa (Bellomo, 2008). Além dos aspectos antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, dos signos ligados ao fogo, dos ligadas aos aspectos de nobreza e distinção social e dos signos de representação de objetos. (Lima, 1994), (Silva, 2008) e (Steyer, 2008).

Ainda neste sentido dos signos, os de nobreza e distinção social há de se destacar as caracterizadas em diversas oportunidades pela “... imagem do morto e alegorias representativas das atividades exercidas ao longo da vida ou da sua ideologia.” (Bellomo, 2008: 21). Bem como a representação dos papéis que o indivíduo exerce em sua vida social, tanto para ele próprio como da imagem que a sociedade possui dele. (Pearson, 1982). No cemitério de Santo Amaro, vários jazigos estão representados desta maneira (Figura 8).

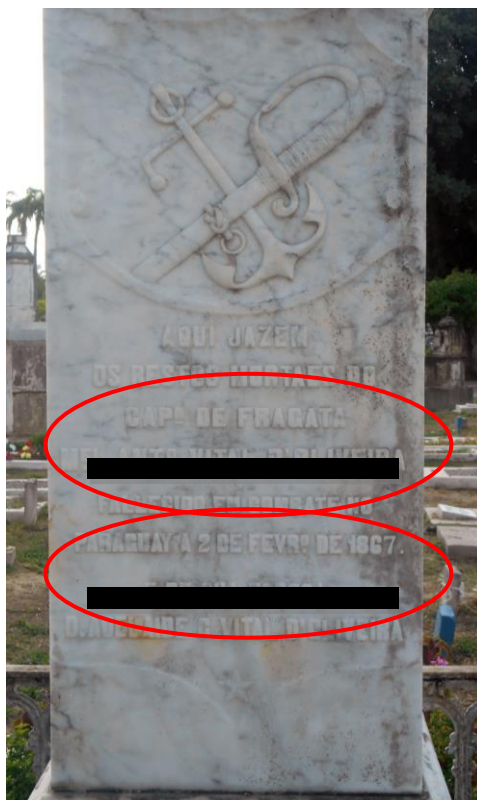


Figura 8: Túmulo com destaque para a importância social da morte no epitáfio
Fonte: Filipe Machado 2017

Foram identificados os seguintes signos Antropomorfos: figuras de anjos (Figura 9), de crianças, masculinas, femininas, de santos; mãos e asas de anjo. Outros signos utilizados no cemitério de Santo Amaro são os Zoomorfos: cão, coruja, mariposa, pata de leão, pomba e serpente. Os fitomorfos são: árvore, guirlandas/coróa de flores, flor, folha e ramo de palma, folha e ramo de papoula, folha e ramo parreira, rosa e a folha e ramo de oliveira. Os signos ligados ao fogo encontrados são divididos em cinco tipos: pira, tocha, tocha invertida, chama e lamparina. Já os objetos podem ser compreendidos dentro da tipologia cristã, alegórica ou cívico-celebrativa.

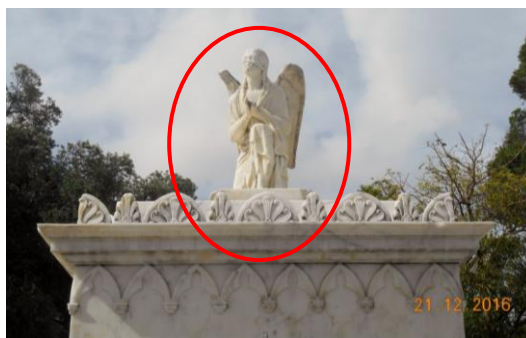


Figura 9: Figura de Anjo. Jazigo nº F28 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.
Fonte: Filipe Machado 2017

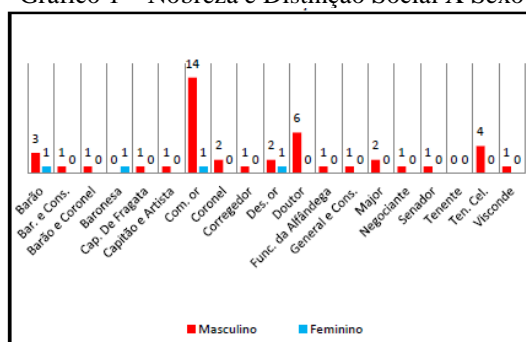
Outro aspecto importante é o significado atribuído à distribuição espacial dos jazigos no cemitério de Santo Amaro. A retirada dos sepultamentos das igrejas para os novos cemitérios alterava vários aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais das cidades, e o Recife não foi diferente. Contudo, não se alterava a mercantilização da morte, já que uma vez que a ação de sepultar nas igrejas obedecia a uma dinâmica que respeitava a certo ordenamento onde quanto mais próximo do altar mor maior era a importância do sepultado. Essa dinâmica permanece quando se observa o cemitério de Santo Amaro, onde os locais mais importantes e mais bem localizados dentro do espaço do cemitério eram destinados aos membros de maior destaque na sociedade.

Além disso, foram favorecidas também, as irmandades religiosas, que desempenhavam papel destacado na ação de enterrar seus membros em igrejas de suas congregações ou ordens (Reis, 2012). O novo cemitério era um local destinado para as irmandades, todavia, assim como o que ocorria nas igrejas, no cemitério de Santo Amaro, a localização desses jazigos se encontrava situados nas extremidades. Por outro lado, mesmo estando em local de menor destaque no interior do cemitério a inclusão delas no projeto acabou atendendo a um pleito de caráter social, econômico e religioso dessas instituições.

Uma correlação que merece destaque é a relação entre o Sexo dos indivíduos sepultados com os Signos presentes nos jazigos. Primeiramente, é perceptível que os jazigos exclusivamente masculinos são a maioria, o que pode ser um fator demarcado da menor importância exercida pela mulher naquela sociedade. Em segundo lugar, é possível discutir a própria questão do gênero. Naquela sociedade não havia valorização da mulher. O valor delas estava em suas atividades domésticas, em cuidar do marido, dos filhos e não nas ações

políticas, econômicas e sociais. As exceções ficam por conta de dois (2) jazigos sem identificação que se localiza na quadra 1 e no quarteirão 8, onde se encontra-los os restos mortais de D. Leonor Porto, que era membro da organização abolicionista Clube do Cupim e do jazigo F53 da quadra 1, do quarteirão 11, pertencente a uma Baronesa. (Gráfico 1)

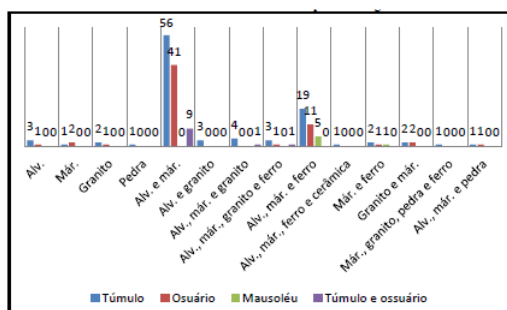
Gráfico 1 – Nobreza e Distinção Social X Sexo



Outra correlação entre os signos de nobreza e distinção social com o sexo é entender como esses elementos poderiam influenciar o indivíduo no processo de distinção social pós-morte. Onde a primeira condição é o fato de que em apenas 4 dos 55 jazigos que possuem signos de Nobreza e Distinção Social há indivíduos do sexo feminino sepultados. A outra condição é que dos 177 jazigos alvos da pesquisa, 122 eram perpétuos. Isso já demonstra que somente indivíduos com boas condições financeiras poderiam usufruir dos jazigos do cemitério, já que os preços dos jazigos variavam de 25 mil a 50 mil Réis (Castro, 2007: 167). Aos pobres restavam as covas rasas ou as irmandades religiosas que também era, de certa maneira, paga.

Na relação entre matéria prima e os tipos de jazigos, observa-se que a utilização do mármore se explica pelo valor simbólico que esse material possui tanto com relação ao preço como em relação ao trabalho necessário para realização das obras, já que era um diferencial que demonstrava riqueza e poder de uma determinada família ou de certo indivíduo. A utilização desse material demonstra a importância e ideia de poder. Desta maneira, a elite local tornava as sepulturas uma extensão de seus espaços em vida. Ainda mais se levar em consideração a existência de uma correlação entre os tipos de jazigo e os títulos de nobreza e distinção social, o que possibilitou uma compreensão de natureza política, social ou econômica e até mesmo da união de várias ou de todas elas. (gráfico 2).

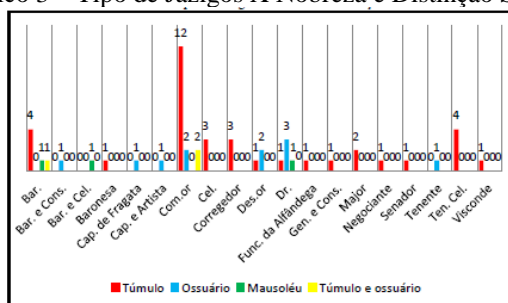
Gráfico 2 – Matéria Prima X Tipos de Jazigos



O tipo de jazigo é uma maneira de tratar a importância de certos indivíduos diante dos preparativos e dos cuidados com a morte. E, mesmo com ressalvas por parte da igreja, as sepulturas de Santo Amaro, principalmente as perpétuas, eram objeto de elevados investimentos das famílias mais abastadas da cidade. Além de todo o do detalhamento decorativo, cada vez maior das informações constantes nas lápides (Castro, 2007). Desta maneira, o ritual que se desenvolve, no sentido da realização dos sepultamentos, já que podem ser percebidos como um sistema onde a cultura é uma forma simbólica e sequenciada que pode agir por vários meios e atua através de formalidade variada, diferentes tipos de rigidez, combinações e recorrências. (Peirano, 2003: 9).

Como se pode perceber, os jazigos mais comuns são os túmulos, correspondendo a maioria das sepulturas. Em seguida, aparecem os ossuários com cerca de onze jazigos, com membros da elite recifense que possuíam títulos e patentes militares. Os mausoléus e os túmulos e ossuários aparecem com três jazigos cada um. (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Tipo de Jazigos X Nobreza e Distinção Social.



Embora seja possível demonstrar a presença da elite no interior do cemitério, é certo que esses jazigos representam apenas uma parcela, já que somam apenas 55 unidades. Cabe destacar que a elite despossuída de títulos, também, estava contemplada. Como já mencionado, era necessário possuir uma soma considerável de recursos financeiros para adquirir tais jazigos. Neste sentido, a arte funerária é um elemento de distinção para caracterizar os túmulos e uma explicação para que os elementos que compõe o túmulo sejam uma forma de representar os aspectos sociais, culturais, religiosos e econômicos tanto do falecido, quanto a satisfação dos que buscam redefini-lo no “post-mortem”. (Bellomo, 2008).

A espacialidade do jazigo no interior do cemitério é outra das condições para discutir aspectos ligados a situação social do indivíduo. Seguindo a lógica dos enterramentos realizados nas igrejas, onde quanto maior a importância do morto, mais próximo esse estaria do altar e o contrário também acontecia. Agora, os indivíduos de melhor condição e importância ocuparam determinados espaços dentro do novo cemitério. Isso ocorreu no Recife, mas não exclusivamente. Em Salvador isso também aconteceu, inclusive com o consentimento e a autorização do arcebispado (Reis, 2012: 173). Esses espaços no interior das igrejas eram delineadores da hierarquia social existente no Recife e apenas foi ampliada com a inauguração do cemitério de Santo Amaro. (Castro, 2007: 163 a 164).

O que se vislumbra naquele momento foi a perpetuação da classe social mais abastada e socialmente dominante, que pôde se distanciar ainda mais da camada menos favorecida. Agora, além de ocupar os melhores espaços, podia diferenciar-se pela construção e decoração tumular. Ao passo que, as elites sociais ocupavam o espaço seletivo no interior do cemitério, à classe pobre eram destinadas às covas rasas. Localizadas no interior dos quarteirões, isto é, atrás dos imponentes jazigos perpétuos, de certa forma as elites davam “as costas” para a camada mais pobre da sociedade.

Seguindo essa linha de raciocínio, outro papel importante foi o papel das irmandades religiosas. Elas mantiveram uma arrecadação financeira constante e estavam ligadas aos membros mais pobres da sociedade, mas que, assim como a elite, queriam que seus funerais fossem seguidos de todos os rituais e pompas necessárias a um sepultamento cristão (Figura 10).



Figura 10: Túmulo na área das Irmandades
Fonte: Filipe Machado 2017

Da verificação de existência de regularidades ou diferenças que possam representar a sociedade dos vivos

Não importa a condição social, mas sim a sua condição de elemento presente na sociedade para que exista, por parte do indivíduo, uma tentativa de sobrevivência após a morte através de sua posição na sociedade. Por conseguinte, é possível observar que regularidades e distinções podem ser descritas através dos jazigos do cemitério de Santo Amaro da segunda metade do século XIX. O que se apresenta pelas regularidades, e entendendo-as como elemento de coesão e preocupação em trazer para os jazigos, certa tentativa de continuidade que só se justifica quando se buscando este indivíduo enquanto pessoa ainda com vida. Isso é perceptível, por exemplo, nos epitáfios, com destaque especial para as designações de: Doutor, Barão, Capitão, etc.

Aos não nobres, existia a possibilidade de serem sepultados e lembrados como em vida, através das diversas irmandades que se encarregavam de sepultar seus “irmãos” associados com toda a pompa exigida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação as propostas de inovações a que este artigo busca destacar, a mais significativa é, sem dúvida, a interpretação da elite recifense através de sua representação da morte. Essa análise transcorreu sob a perspectiva do entendimento do artefato material, desta feita, a utilização dos jazigos e de sua localização. Embora Lima (1994) já tenha realizado trabalho onde discutia questões de caráter social, econômico e cultural no Rio de Janeiro Oitocentista e também, Castro (2007) e Motta (2009) tratem de tema ligado ao cemitério de Santo Amaro, seus trabalhos possuem uma abordagem distinta. E, além disso, observar, também, o entendimento de como esse aparelho urbano e social se modificou a maneira a representar aquela sociedade recifense em suas representações para com a morte.

A nova prática social da veneração aos mortos, agora saía do interior das igrejas para os cemitérios extramuros, o que significou uma alteração também nos padrões dos próprios sepultamentos e na forma na qual, a partir dele, a individualização de cada indivíduo ou de cada uma das famílias ganhou um significado aparente e diverso.

Chegou-se ao entendimento, por fim, de que os jazigos representam na sua maioria, grupos da elite recifense daquele século, dentre os quais, podem ser encontrados grupos representantes das elites agrárias e da burguesia, das elites políticas e da nobreza; além de comerciantes e profissionais liberais. Contudo, outros grupos, também, eram sepultados no cemitério de Santo Amaro, nos espaços internos disponibilizados nos quarteirões para o enterramento de indivíduos em covas rasas, além dos jazigos pertencentes às irmandades religiosas. Essas áreas eram utilizadas pelas famílias e pelos indivíduos menos favorecidos socioeconomicamente.

Os jazigos devem ser observados e entendidos, portanto, como elementos de estudo, que ao final, podem proporcionar uma compreensão dos sepultamentos do período e do próprio cemitério. As condições construtivas aliadas à distribuição e localização dos jazigos demonstram uma necessidade, clara, das elites do Recife em ocuparem o novo espaço como uma garantia da perpetuação de seus nomes de família e de suas lembranças.

Os jazigos devem ser percebidos então como elementos possibilitadores da análise social, política, econômica, religiosa e cultural, que ao final, podem proporcionar uma

compreensão dos sepultamentos do período e do próprio cemitério. Desta forma, o objetivo principal foi compreender quais grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos de Santo Amaro na metade final do século XIX. Percebeu-se que a elite, ao transferir os sepultamentos das igrejas para o cemitério, não se rebelou como ocorreu em Salvador – cemiterada -, mas sim, acabou por fazer-se representar nos jazigos de forma mais exuberante e opulenta economicamente.

Resta, ainda, questões que foram tratadas nesta dissertação, mas que necessitam ser aprofundadas por pesquisas posteriores como é o caso da figura feminina e de seu papel social. Em algumas estruturas tumulares, por exemplo, onde se encontram sepultamentos femininos sequer reproduzem os nomes das mulheres lá sepultadas. As referências são apenas, a ideia da mulher enquanto membro de uma família e vários exemplos contêm termos como: “esposa de...”; em outras, mesmo constando o nome da falecida a ênfase principal está na figura masculina. É possível, ainda, observar que a sociedade recifense, caracterizada pela figura masculina, dificultava a interação e a integração da mulher no seio social, mesmo as mulheres oriundas das elites.

Ademais, há de se levantar a discussão a respeito da má conservação do estabelecimento como um todo, necessitando de cuidados, tanto os jazigos, quanto o próprio espaço público do cemitério de Santo Amaro. Soma-se a isso, a falta de segurança do espaço onde é possível observar a entrada indiscriminada de qualquer pessoa para a prática de outras atividades que não a de contemplação arquitetônica e cultural do próprio cemitério ou para culto e orações pelos seus entes falecidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erika Audet de. 2005. “A Articulação dos espaços públicos na paisagem do Recife através da evolução urbana”. In PONTUAL, Virgínia.; CARNEIRO, Ana Rita Sá. (orgs.). História e Paisagem Ensaio Urbanísticos do Recife e de São Luís. Recife: Edições Bagaço.

BELLOMO, Harry Rodrigues. 2008 (org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. 2012. “Os Cemitérios como Índice de Modernidade Urbana”. Revista Habitus, vol. 10 (1), 39 - 52, Jul./Dez.

CASÉ, George. 2005. “Formação urbanística do Bairro de Santo Amaro: forma urbana e imagem”. In PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá. (orgs.). História e Paisagem Ensaio Urbanísticos do Recife e de São Luís. Recife: Edições Bagaço.

CASTRO, Elisiana Trilha. 2008. Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC. 1962 – 2008). Dissertação de Mestrado, Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-CIDADE, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. Para Cada Morto, a sua Cova: Algumas Restrições para o Sepultamento de Protestantes no Brasil, Século XIX. Revista Inter-Legere, Florianópolis, Jan./Jun., p. 157 – 172, 2013.

CASTRO, Vanessa Viviane de. 2007. Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife.

DUARTE, José Lins. Recife no Tempo da Maxambomba (1867-1889) O primeiro Trem Urbano do Brasil. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

LIMA, Tânia Andrade. 1994. “De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)”. Anais do Museu Paulista, vol. 2, 87 - 150.

MOTTA, Antônio. 2009. À Flor da Pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

PEARSON, Mike Parker. 1982. “Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study”. In Symbolic and Structural Archaeology (New Directions in Archaeology). Cambridge: University Press, 99 – 114.

REIS, João José. 2012. A Morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Cláudia. 1997. Lugares dos mortos na cidade dos Vivos. Tradição e transformação fúnebre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.

RODRIGUES, Claudia; BRAVO, Milra Nascimento. 2012. “Morte, Cemitérios e Hierarquias no Brasil Escravista (Séculos XVIII e XIX)”. *Habitus*, vol. 10 (1), 3-20, Jul./Dez.

SILVA, Sergio Roberto Rocha. da. 2008. Matteo Toniatti e a tipologia zoomórfica em Rio Grande. In BELLOMO, Harry Rodrigues. (org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs.

STEYER, Fabio Augusto . 2008. “Representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul”. In BELLOMO, Harry Rodrigues. (org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs.